

Introdução

Por uma Ecologia de Questionamentos e de Encontros

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.50.2>

Sandra Sousa e Sheila Khan

Este é um livro dedicado à obra de uma escritora, Djaimilia Pereira de Almeida. É também um livro em que os que nele participam, vindos de várias geografias e com as suas particulares histórias de vida, se juntaram por aquilo que têm em comum: o amor à literatura e, neste caso específico, aos livros de uma autora ainda jovem, e singular. Tentam todos, neste espaço, desentrelaçar e dar sentido (ou criar outros sentidos) a esses mundos impressos nas páginas dos livros de ficção que Djaimilia nos tem vindo a oferecer desde a publicação daquele que iniciou o seu percurso na escrita, diríamos “consistente” se um adjetivo lhe quisermos atribuir. Porque

Sandra Sousa, Department of Modern Languages and Literatures, University of Central Florida, Orlando, Estados Unidos da América <https://orcid.org/0000-0003-1571-0323>
sandra.sousa@ucf.edu

Sheila Khan, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal <https://orcid.org/0000-0002-8391-8671> sheilakhan31@gmail.com

Djaimilia já antes escrevia, e muito, como ela mesma confessa em entrevista, “quando entrei para a universidade tinha a ambição de escrever, e escrevia muito” (Lança, 2015, para. 6). Vale a pena recordar aquela que terá sido a primeira entrevista de fôlego a Djaimilia, em que Marta Lança (2015) a introduz do seguinte modo:

há muito tempo que não aparecia uma voz jovem tão potente na literatura em língua portuguesa. Muito menos mulher, muito menos negra. Djaimilia Pereira de Almeida, filha de mãe angolana e pai português, cresceu na periferia de Lisboa, doutorou-se em Teoria da Literatura e publica agora o seu primeiro livro. *Esse Cabelo* parte de um álbum de família para esta busca de si própria, entre Angola, Portugal e tantas outras paragens de um percurso auto-reflexivo. Djaimilia tem uma voz doce que, apesar de assertiva, vive de questionamento. Temos escritora de fôlego. (paras. 1–2)

O prenúncio de Lança (2015) afigurou-se uma realidade passada quase uma década.

Djaimilia Pereira de Almeida continua a destacar-se no panorama literário português desde a publicação de *Esse Cabelo* em 2015. A partir daí, não mais parou a sua produção criativa, tendo publicado mais 10 livros cuja qualidade não passou despercebida ao público, em geral, e ao académico, em particular. *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018) recebeu em 2019 o Prémio Oceanos e o Prémio Fundação Eça de Queiroz, confirmando a sua excelência como escritora. Antes disso, tinha sido galardoada com o Prémio Literário Fundação Inês de Castro (2018). Mas nem todos os seus livros são de ficção, dedicando-se a escritora a outro tipo de projetos literários criativos, como *Ajudar a Cair* (2017), um livro em que poeticamente descreve o ambiente em contacto próximo com pessoas com paralisia cerebral derivado de um verão passado no Centro Nuno Belmar da Costa, instituição pertencente à Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa. Outro desses exemplos é o livro de ensaios e crónicas, *Pintado com o Pé*, de 2019, em que, como a autora descreve,

o título deste livro é roubado à legenda de um postal, que me pareceu, a certa altura, um bom conselho literário. Relendo estes textos, escritos entre 2006 e 2019, pareceu-me folhear uma coleção de postais desses anos. Não saberia dizer se cheguei a enviá-los, nem a quem se dirigem, o que talvez diga um pouco sobre quem os escreveu e um pouco sobre eles. (Almeida, 2019b, p. 1)

Nesse mesmo ano de 2019, a escritora volta a surpreender, e quiçá assombrar, o seu já fiel público com *A Visão das Plantas*, que lhe confere o segundo lugar no Prémio Oceanos (2020). Como afirma Evando Nascimento (2021), “o último livro de Djaimilia Pereira de Almeida (...) traz um enredo perturbador, em múltiplos sentidos” (para. 3). A desvendá-los se dedicam não apenas os académicos e críticos literários, mas cada um dos seus leitores. O ano de 2020 afigura-se um ano igualmente produtivo para a escritora. Publica a obra de ficção *As Telefones*, enquadrada por Liz Almeida (2020) como “‘Literatura Portuguesa da Diáspora’ posto que, ao admiti-la, avançamos uma casa no sentido de reconhecermos símbolos nacionais que reflitam com fidelidade quem consome e, principalmente, quem produz, contemporaneamente, literatura em território português” (para. 15); e, com Humberto Brito, *Regras de Isolamento*, um livro composto por anotações fotográficas, ficções breves, ensaios e crónicas que refletem a vida de um casal sob o isolamento da sua casa devido ao estado de emergência. *Maremoto* é o seu quinto livro de ficção, publicado em 2021, que, como afirma Roberta Guimarães Franco (2022), “confirma o desenvolvimento de um projeto literário voltado para a questão do trânsito entre Angola e Portugal nas últimas décadas e para as vivências dos imigrantes na capital portuguesa” (p. 561). *Maremoto* acaba, entretanto, por ser incluído no volume *Três Histórias de Esquecimento* (2022), que o reúne com as obras *A Visão das Plantas* e *Bruma*. Tal inclusão perfaz uma trilogia baseada num fio condutor entre as três, fio este que se alinha em questões perante Portugal e a sua longa história imperial. Três personagens masculinos encarnam os dilemas de várias épocas do passado: Celestino, um traficante de escravos de regresso a casa, enclausurado num jardim, em *A Visão das Plantas*; Boa Morte

da Silva, ex-combatente da guerra colonial, vivendo numa rua de Lisboa como arrumador de carros, em *Maremoto*; Bruma, escudeiro negro baseado no seu duplo, que lia histórias ao pequeno Eça de Queiroz, em *Bruma*. Publica ainda, em 2021, *Os Gestos*, que reúne anotações biográficas, ficções curtas, pequenos ensaios, fixações, sinais, lembretes, bilhetes, notas de leitura, acenos. Por outras palavras, “*memorabilia* das mãos que nos dão a mão quando caímos” (Almeida, 2021, Contracapa).

Pertencendo a uma geração de afrodescendentes formados em Portugal que começam a questionar o seu papel de herdeiros de processos imperiais tanto a um nível local como global – estabelecendo elos com uma diáspora europeia ou mesmo americana – Djaimilia oferece-nos a oportunidade de (re)pensar o lugar da sua geração num mundo sistemicamente pautado pela violência, pela discriminação e pela imposição de fronteiras. A sua obra expande a reflexão humana e histórica dos processos de interação no espaço de uma gramática pós-colonial assente em narrativas que almejavam a construção de realidades sociais inclusivas, equitativas e emancipatórias. Como uma tecelã vigilante dos finos e subtis fios que compõem a densa diversidade humana, Djaimilia Pereira perscruta e estuda com delicadeza e, simultaneamente, com detalhe a tessitura dos muitos contextos subjetivos, coletivos em desordem e, a partir destes, a solidão, a saudade, o silêncio (Khan, 2022), as ausências e as interrogações que exigem uma resposta, um caminho, uma ombreira onde tudo pode suceder. Daí que os seus livros se possam inserir naquilo que Paulo Medeiros (2019) e o grupo Warwick Research Collective definem como “literatura-mundial”, ou seja, uma forma de resistência e de questionamento da imaginação do centro, não sendo

o instrumento capaz de transformar o mundo e no entanto, [tendo] (...) pelo menos o potencial de sustentar os que poderão vir a efetuar a tal transformação do mundo que reduza ao máximo possível a desigualdade que só tem alastrado e aumentado nos tempos mais próximos. (p. 329)

E, se até aqui essa definição de literatura-mundial, que se concentra na literatura do sistema capitalista moderno, serve como uma luva para abarcar a obra de Djaimilia, o seu mais recente livro parece, à primeira vista, não se encaixar em lado nenhum. Decerto, não se encaixa no género de obras com que até ao momento nos agraciou. Como a própria escritora mencionou numa conversa informal antes da sua publicação, “este é um livro diferente”. Podemos, então, questionar-nos: diferente como? Em que medida ele é diferente?

Ferry (2022) revela-nos indiscutivelmente uma escritora que se anuncia como escrevendo e pensando para além das fronteiras da história imperial de Portugal. Na verdade, se “uma das primeiras tarefas da Literatura-Mundial, hoje em dia, é o questionamento da imaginação do centro” (Medeiros, 2019, p. 321), o novo livro da autora questiona esse centro, mas um centro de outra ordem. Por outras palavras, *Ferry* questiona um centro que abarca a humanidade, o centro que está dentro de cada ser humano: o amor.

O livro conta a história de um casal, Albano e Vera, numa dimensão psicológica e emocional profunda. Este casal, aparentemente semelhante a todos os outros, revela-se, contudo, excecional ao manifestar aquilo que cada ser humano tem em comum: a extrema complexidade da interioridade humana. De forma poética, Djaimilia percorre a vida interior de Albano e Vera dando-nos um retrato das suas perdas — o aborto espontâneo de uma filha que deixa marcas aparentemente incontornáveis nos dois; da revisão das condições sociais limitantes e limitadoras — “tanto esforço, tão profundo, para esconder a verdadeira Vera e, afinal, essa mulher era só uma mulher tão convencional e indistinta como as outras” (Almeida, 2022, p. 27); da crueldade humana; da solidão mesmo quando não se está sozinho; das guerras interiores que levam por vezes a esgotamentos e depressões num mundo composto de “tamanha cegueira” (p. 11). Um livro que pergunta, logo na primeira página: “mas como saber, então, que o cego surdo era eu, ou melhor, a geometria do meu caminho na Terra, minha filha perdida, que somos nós, eu e tu, vivendo?” (p. 9). Pergunta para a qual possivelmente não haja resposta ou cuja resposta se encontre no seu final. *Ferry* é uma história complexa

de amor entre um homem e uma mulher, como tantas outras histórias nas quais cada leitor se pode rever a seu modo, que resiste às violências do dia a dia e se enlaça no “poder emancipatório da literatura” como “um traço dos sonhos de um futuro mais humano” (Medeiros, 2019, p. 318), que se requer mais que uma miragem.

Navegando por várias formas literárias — autobiografia, ensaio, romance —, a obra da escritora obriga o leitor a um confronto com múltiplas temáticas cuja discussão é imperativa nas sociedades contemporâneas pós-imperiais e na senda das tão almejadas reparações históricas. É na importância e no compromisso de uma cidadania ativa não apenas no diálogo entre o olhar do escritor e do seu público académico, mas igualmente da abertura desse diálogo a esferas sociais mais abrangentes que surge este livro. Não passará também despercebida a intenção de abrir o cânone literário àqueles que escrevem a partir do lugar do *outro* e que, portanto, ficam relegados à invisibilidade. Nele se propõe uma análise (conversa/diálogo com) da obra de Djaimilia em todas as aceções e perspetivas por ela permitidas. Num país que ainda vive um contínuo histórico, incapaz de se olhar ao espelho e que, persistentemente, nega as suas tensões e fraturas sociais, torna-se urgente recuperar as páginas perdidas da história. Djaimilia mantém vivos, através dos seus livros, os fantasmas do passado — e do presente — sobre os quais urge refletir, problematizar e reparar. Os seus livros abordam, não se esgotando aqui a lista, questões de memória, pós-memória, fronteira, identidade, lógicas de discriminação e de cegueira histórica, afasia colonial, solidão social e cultural num Portugal pós-colonial. A perspetiva comparativista é igualmente tida como importante no sentido de situar a escritora numa mais abrangente linha literária definida como *afropean* ou *afropolitan* (Sousa, 2022). Este livro é um encontro audaz com uma cidadã e escritora que questiona o mundo em ebulição a partir de uma escrita ativa, comprometida, segura e compenetrada no ser humano como grande escultor de história e memória.

Os textos que fazem parte desta coletânea demonstram a riqueza e diversidade de análise que a obra de Djaimilia Pereira de Almeida é capaz de estimular na crítica literária académica. Roberta Guimarães

Franco apresenta-nos, no capítulo “As Relações Possíveis Apesar do Sofrimento Abissal: O Realismo Afetivo de Djaimilia Pereira de Almeida”, uma análise do percurso de publicações da escritora, de 2015 a 2021. Nele, a autora revela os pontos em comum de seis obras, analisando os desdobramentos dentro de um projeto literário que aponta para uma contemporaneidade, mesmo quando supostamente se afasta dela. Franco pensa, deste modo, a produção de Djaimilia diante de um panorama contemporâneo maior, inserida em discussões sobre a literatura portuguesa no pós-25 de abril e, mais especificamente, neste ainda início de século XXI. Para pensar as relações possíveis que são construídas nas narrativas de Djaimilia, apesar do sofrimento abissal que atravessa esses percursos, a autora assenta a sua análise no conceito de “realismo afetivo”. A partir deste conceito, a crítica discute não só os temas abordados por Djaimilia, mas as formas encontradas para trazer à cena corpos que (sobre)vivem no limiar entre pertença e exclusão.

Daniel F. Silva, num ensaio intitulado “Deficiência, Racialização, e Colonialidade em *Luanda, Lisboa, Paraíso*” propõe uma leitura crítica da encenação literária e a relação entre corpo, raça e emigração na referida obra, através de uma abordagem teórica que engloba estudos da deficiência, pós-colonialismo e teoria crítica de raça. Mais especificamente, o autor analisa as intersecções entre raça, género e deficiência na experiência migratória dos dois protagonistas do referido romance, e no contexto da colonialidade atual, tanto em Portugal como num panorama global.

Sheila Khan retoma a anatomia crítica da deficiência, ampliando a sua análise para os silenciamentos e amnésias por que muitos ex-combatentes passaram e enfrentaram num Portugal que se rotula de “pós-colonial”. Neste seu texto, a autora articula solidão, invisibilidade com testemunho e saúde mental, mostrando como o romance *Maremoto* é uma metáfora urgente de reparação histórica e de dever de memória perante uma pós-colonialidade ainda por cumprir.

Cláudia Pazos-Alonso, no capítulo com o título “Vidas Precárias, Vulnerabilidades Masculinas”, convoca uma perspectiva interseccional

para analisar um contexto de emigração e sobrevivência precário nos subúrbios de uma Lisboa inóspita. Partindo de um enquadramento teórico que se vale de Achille Mbembe e Judith Butler, a autora trabalha em particular o interesse de Djaimilia pelo tema da doença. Com efeito, para Pazos-Alonso, com *Luanda, Lisboa, Paraíso* estamos perante um romance em que fica explicitamente assinalado que “todos os Cartola de Sousa se viram adiados pela doença” (Almeida, 2019a, p. 124). Nesse contexto, o que significa estar/ser doente? E, mais ainda, o que significa cuidar? À pobreza económica desta família angolana, socialmente excluída por preconceitos de cor e pela violência tantas vezes disfarçada de um quotidiano melancólico e sem horizontes, Djaimilia contrapõe a possibilidade, sempre precária, da solidariedade humana, do amor e da amizade, para interrogar o que significa cuidar do *outro* num contexto pós-imperial.

Sandra Sousa centra o seu estudo na obra *A Visão das Plantas*. O capítulo intitulado “Ecocumplicidade em *A Visão das Plantas* de Djaimilia Pereira de Almeida” oferece uma análise extrapolativa do livro pensando nas mudanças ambientais reais forçadas pela ideologia e política colonial e nos benefícios de práticas ambientais e de epistemologias indígenas concretamente definidos. Seguindo a teoria da ecocumplicidade desenvolvida por Chris Malcolm (2020) em “Ecocomplicity and the Logic of Settler-Colonial Environmentalism” (Ecocumplicidade e a Lógica do Ambientalismo Colonial dos Colonizadores), a autora coloca a seguinte questão: podemos falar em conciliação quando na época denominada por “antropoceno”, marcada pelas operações do capitalismo tardio e imperialismo, uma crise global ecológica devedora desses dois marcos continua a gerar a mesma superexploração das populações do Sul Global?

Margarida Rendeiro oferece-nos o capítulo “Memória Histórica, Literatura e Rasura: Escrita Reparativa em *Três Histórias de Esquecimento* (2021)”. A autora argumenta que a coletânea *Três Histórias de Esquecimento* se configura enquanto projeto literário de Almeida ao centralizar as vozes de figuras que fazem parte de importantes — mas rasurados ou ignorados — momentos da história de Portugal, atos que tiveram a cumplicidade da literatura

portuguesa, porque, se esta nunca as explorou, muito menos as suas subjetividades foram consideradas. Partindo de frases breves de *Os Pescadores*, de Raul Brandão, e da correspondência de Eça de Queiroz e da ainda não suficientemente explorada história da participação dos combatentes negros nos contingentes portugueses, Almeida inscreve-as num processo de historicização contra-hegemónico, cabendo ao leitor questionar-se sobre os limites éticos do esquecimento no presente. *Três Histórias de Esquecimento* apresenta-se, deste modo, como uma escrita literária reparativa da memória rasurada em tempos pós-coloniais. Uma das obras mais estudadas neste volume é, sem dúvida, o segundo romance de Djaimilia Pereira de Almeida, *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018). Neste sentido, é clara a persistente inspiração que este romance traz para os seus leitores e para os estudiosos aqui reunidos, os quais o encaram sob diferentes perspetivas.

Daniel M. Laks traz-nos um ensaio com o título “Uma Economia de Afetos Coloniais: A Mediação de Identidades Subalternizadas em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida”. Nele o autor discute a forma como o romance ficciona personagens cujas subjetividades são marcadas pelas dinâmicas coloniais, representando um colonial que sobrevive através dos seus efeitos secundários. As marcas da colonização aparecem no romance, não apenas nas dimensões materiais da existência, mas também nas esferas subjetivas da vida social dos personagens. Desta forma, a sua análise reflete sobre como o processo de colonização deixou marcas no agenciamento das afetividades, tanto coletivas quanto individuais, em três conjuntos de relações específicas: as relações com o poder e com as normas impostas; as relações com o grupo de pertencimento e com os outros; as identidades individuais. Para tal, Laks apoia-se no trabalho de teóricos como Ana Mafalda Leite, Stuart Hall, Peter Pál Pelbart, Aníbal Quijano, Silvia Federici, Boaventura de Sousa Santos e Pierre Ansart. Ainda sob a luz auspiciosa de uma ecologia de leituras que transbordam riqueza e futuro na obra de Djaimilia Pereira de Almeida, vemos despontar a originalidade nos textos que luminosamente encerram sem términos este livro.

Num capítulo que se distancia dos romances de Djaimilia, Susana Pimenta apresenta-nos “‘Ver Vem Antes das palavras’: As Crônicas de Djaimilia Pereira de Almeida”. A autora propõe, no âmbito dos estudos de cultura, apresentar a *escritora-cronista* do seu tempo e do seu lugar, da vida quotidiana da humanidade, num tempo pós-colonial, através das crônicas publicadas em jornais e revistas culturais e, posteriormente, compiladas na maioria em *Pintado com o Pé* (2019). Pimenta indaga sobre o processo criativo da crônica, ou sobre modos de ver o mundo, que incorporam o uso da imagem, das memórias de anónimos, de lugares, de tempos, de sentidos e sentimentos, procurando conhecer a *mulher-escritora* através das entrevistas que concedeu desde a publicação de *Esse Cabelo*, em 2015. A autora afere, deste modo, que as crônicas de Djaimilia Pereira de Almeida, publicadas na imprensa cultural, são um espaço de imaginação, de aprendizagem e experimentação criativa, com liberdade de pensamento e expressão, cujos resultados se refletem nos romances por ela publicados.

Finalmente, numa abordagem que se afasta da literária e, no entanto, com uma destreza e criatividade assinalável, Carla Sofia Araújo apresenta-nos um capítulo orientado pelos fundamentos metodológicos da linguística de *corpus*, intitulado “Análise Lexicométrica de *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida”. O seu estudo parte do programa computacional Nooj, possibilitando uma análise lexicométrica, baseada na análise estatística das palavras-tema, tendo em vista a delimitação de possíveis campos temáticos no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*. A análise lexicométrica permitiu à autora delimitar oito campos temáticos de diferentes domínios: família, corporeidade, esperança, diáspora/imigração, casa, amizade, solidão e desigualdade.

Sem forçar finais, não será exaustivo reivindicar para o pensamento de Djaimilia Pereira de Almeida duas dimensões que fazem deste livro um lugar de manifestação e de intenção. Por um lado, a obra de Djaimilia é cidadania, memória e história. Mas, sobretudo, é a linha coesa, sólida e plural que a literatura demonstra, a partir do seu sentido nobre e ético, o seguinte: é que, para além desta linha, o caos, o aniquilamento e o esvaziamento humano devem ser sempre uma gramática a recusar.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Referências

Almeida, D. P. de. (2019a). *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Companhia das Letras.

Almeida, D. P. de. (2019b). *Pintado com o pé*. Relógio D'Água.

Almeida, D. P. de. (2021). *Os gestos*. Relógio D'Água.

Almeida, D. P. de. (2022). *Ferry*. Relógio D'Água.

Almeida, L. (2020, 23 de junho). As *Telefones*: Resquícios do império na experiência dos sujeitos da diáspora. *Buala*. <https://www.buala.org/pt/a-ler/as-telefones-resquicios-do-imperio-na-experiencia-dos-sujeitos-da-diaspora>

Franco, R. G. (2021). Almeida, Djaimilia Pereira de. *Maremoto*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2021. *Via Atlântica*, 41, 560–565. <https://doi.org/10.11606/va.i41.191104>

Khan, S. (2022). Saudade, solidão e silêncio em *Luanda, Lisboa, Paraíso* de Djaimilia Pereira de Almeida e em *Reino Transcendente* de Yaa Gyasi. In S. Sousa & N. A. Can (Eds.), *Africas in the world and the world in the Africas. African literatures and comparativism* (pp. 229–252). QuodManet.

Lança, M. (2015, 16 de setembro). Eu mesma - Entrevista a Djaimilia Pereira de Almeida. *Buala*. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/eu-mesma-entrevista-a-djaimilia-pereira-de-almeida>

Medeiros, P. de. (2019). 11 ½ teses sobre o conceito de literatura-mundial. *Via Atlântica*, 35, 307–331. <https://doi.org/10.11606/va.v0i35.153796>

Nascimento, E. C. (2021, 10 de maio). O não humanismo dos vegetais. *Revista Pessoa*. <https://www.revistapessoa.com/artigo/3296/o-nao-humanismo-dos-vegetais>

Sousa, S. (2022). Legacies of coloniality and racialization: Comparative perspectives in Europe. *Revista de Letras*, 1(4), 45–61.